

PASSARELA DO IGUATEMI

Uma narrativa em movimento

Kelly Oliveira

Graduanda de Ciências Sociais/UFBA

Marina Cunha

Designer de moda, mestranda PPG Arquitetura e Urbanismo/UFBA e membro do Laboratório Urbano

Narrar uma experiência de insistência urbana¹ para um grupo de estudantes e pesquisadores da Universidade Federal da Bahia: este era nosso objetivo no último dia da oficina de Alessia de Biase.² Nossa experiência foi feita em uma passarela que está sobre a Av. Tancredo Neves e liga a Rodoviária ao Shopping Iguatemi, em Salvador. Formávamos uma dupla bastante híbrida, com olhares diferentes e maneiras de ir a campo, também diferentes. Os dois dias em que estivemos sentadas sobre nossos banquinhos de plástico durante seis horas, nos possibilitaram ver inúmeras situações, e entender um pouco a dinâmica daquele lugar de passagem. Para além do que se imaginava, a passarela nos mostrou diversas relações sendo estabelecidas. Através delas e dos movimentos ali observados, o lugar foi sendo ressignificado sob

nossos olhos. Mas, como ultrapassar a simples descrição de nosso trabalho de campo e criar uma outra maneira de falar sobre a experiência, levando cada ouvinte a perceber a dinâmica do lugar e permitindo que tenham suas próprias impressões sobre a passarela, mesmo não tendo estado lá?

Cada uma de nós trazia referências e vivências diferentes, uma estudante de antropologia, outra formada em design de moda. A solução encontrada foi juntar nossas características pessoais e estéticas aos fatos vislumbrados naquela passarela e então criar um modo de passar aos “espectadores” as sensações e questões que nos tomaram durante a insistência. O que nos prendeu foram fatos não lineares, usados de forma não cronológica, que poderiam ser compreendidos de diversas formas. Notou-se que, então, o que fizemos poderia ser uma narrativa errante. As narrativas errantes

[...] constituem outro tipo de historiografia, ou de escrita da história, uma história errante, não linear, que não respeita a cronologia tradicional, uma história do que está na margem, nas brechas, nos desvios e, sobretudo, do que é ambulante, não está fixo, mas sim em movimento constante. (JACQUES, 2012, p. 24).

A ideia era narrar em fluxo, pois sobre a passarela o acontecimento mais perceptível eram os fluxos, que se mostravam claros através dos caminhos comuns aos passantes. Mas o tempo despendido sobre os bancos em um único ponto possibilitou a compreensão de um emaranhado de relações que se instauravam no local, criando redes e transformando o lugar de passagem em um lugar de encontro e troca.

Para além do que se viveu ali, tentamos trazer para a narrativa outros elementos que deixassem cla-

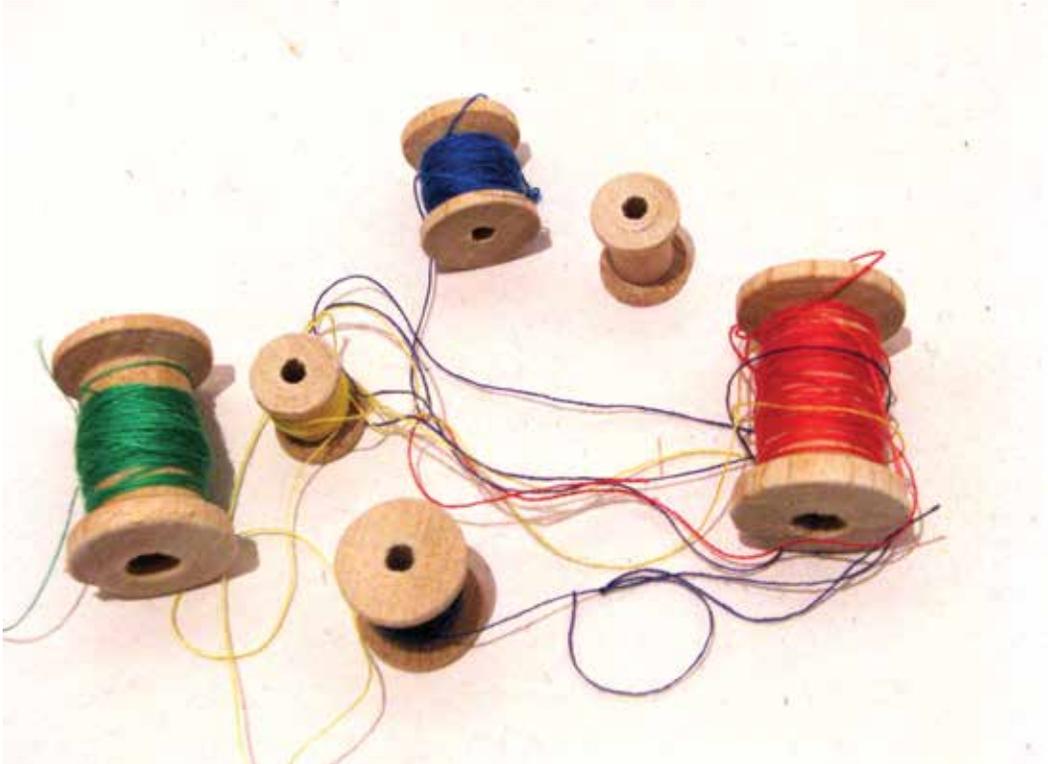
ra nossa reflexão sobre a experiência. Queríamos que o receptor da narrativa pudesse perceber o que julgamos mais claro na passarela: o movimento, mas também o que estava para além da clareza: a compreensão das relações que se estabeleciam ali, especialmente entre os trabalhadores daquele local.

Usando linhas de costura coloridas que representavam os fluxos e linhas de outras cores (estas enroladas em carretéis) que representavam nossos “personagens” pudemos demonstrar em uma ação corporal, apoiada por pequenos objetos, o que vimos ali, sem tentar representar fatos ou simular situações. Conforme uma de nós falava diálogos ou frases ouvidas na passarela, sem ordem ou apego ao acontecimento real – fosse uma conversa entre os trabalhadores ou uma forma destes se comunicarem com os passantes da passarela, ou ainda sua propaganda criativa para atrair os clientes – a outra puxava os fios que estavam enrolados em pequenos carretéis de madeira, de maneira que se emaranhassem.

“é um real, é um real. Batata é um real. Ba-ta-ta-ta-ta-ta-ta.”

“a promoção é agora sei que vc vai gostar, ta-ta-ta-ta-ta-ta-ta, claro, vivo, tim e oi!”³

Os “carretéis-personagens”, quando saíam de “cena” tinham seu fio cortado e deixavam sobre a passarela pedaços de linha, os quais eram para nós os vestígios de cada pessoa que esteve ali. As linhas se sobrepunham conforme a saída ou a entrada dos personagens e deixavam sobre a prancha de papelão que apoiava os carretéis uma camada de acontecimentos que já não poderiam ser retirados, afinal de contas a vida seguiria na-



“Carretéis-personagem” sobre a prancha de papelão. Objetos usados para a composição da narrativa
Criação: Marina Cunha.

quele lugar a partir da experiência que cada um deixava ali. Estratos⁴ (DELEUZE; GUATTARI, 1997) que se sobrepõe formando a história e a configuração social do local.

Por ter sido uma ação, esta narrativa não pode ser repetida, pois está presa ao momento em que foi realizada. Neste sentido, tanto a experiência da insistência na passarela, quanto a narrativa não podem ser revividas, por serem dependentes dos fatores tempo e espaço, os quais não podem ser resgatados.

Através da narrativa pudemos desdobrar pensamentos e reflexões sobre a passarela e o modo como se configuram as relações naquele espaço. O exercício de narrar permitiu que outras coisas

emergissem da insistência. Sendo a narrativa entendida como uma outra maneira de se ter uma experiência, tanto o trabalho de campo quanto a prática de narrar foram para nós instrumentos de entendimento da cidade que é construída sobre a passarela. ■

NOTAS

- 1 Segundo o resumo do workshop “In-sistir #1!”, coordenado por Alessia de Biase, que ocorreu de 22 a 26 de abril no PPGAU/UFBA, em Salvador: “Do latim In+sistere, estar fisicamente sobre algo [...] Salvador será a primeira insistência urbana. O que significa ‘insistir sobre um lugar’? Herdado estritamente da prática etnográfica que encontra, no ato de se colocar, todo o início de qualquer compreensão sobre situações espaciais e sociais, nós propomos escolher um pequeno lugar e o ocupar durante dois dias [...]. A insistência sobre lugares nos levará

a compreender e a interrogar detalhes com os habitantes e, também, questionar o fato de estar presente em algum lugar. [...] O espaço praticado pelo o homem no tempo [...].”

- 2 Alessia de Biase é arquiteta, antropóloga e coordenadora do Laboratório Arquitetura Antropologia – LAA/LAVUE/CNRS - ENSAPLV/ Paris-França
- 3 Frases de propagandas dos vendedores da passarela escutadas durante nossa experiência, que foram utilizadas na narrativa.

- 4 “Os estratos são fenômenos de espessamento no corpo da Terra, ao mesmo tempo moleculares e molares, acumulações, sedimentações, dobramentos”. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 216)

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 5

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.